

O Buraco no Chinelo do Sr. Amarildo | Maressa Monteiro

Não sei bem como começar a contar o que hoje me aconteceu, deter-me-ei ao que importa. Após alguns dias de ausência no abrigo local, minha consciência me levou até lá. O dia havia se desenvolvido com rapidez e sem pedir licença para roubar minhas horas. Não tive muito tempo para pensar no que não tinha, mas me senti solitária em alguns momentos.

Na casa de acolhimento tudo corria como nos outros dias. Ao atender um dos assistidos, o Sr. Amarildo, meu coração, que até então se encontrava no piloto automático, parou, olhou em seus tristes olhos e enxergou-o, doeu-me a alma, ele era o retrato do meu abandono e da minha dor, desconhecida de meus íntimos e, em muitos dias, de mim mesma. Sr. Amarildo pegou sua quentinha, colocou-a numa sacola e me pediu, gentil e vergonhosamente, um chinelo, já que o dele estava furado. Tirando o chinelo, pegou-o com as mãos e mostrou-me o buraco, que era do tamanho de uma moeda de 50 centavos, bem na direção do meio do peito do pé. Se eu fechar os olhos, ainda consigo ver o movimento realizado pelo Sr. Amarildo. O buraco do chinelo do Senhor Amarildo olhou para dentro de mim de uma forma que nunca nenhum outro ser, vivo ou inanimado, havia olhado, talvez aquele buraco fosse Deus me perscrutando ou talvez um espelho. Meu coração sangrou, pois não havia um chinelo, mas havia o coração de uma criança de 30 anos, sedenta por ajudá-lo. Prometi-lhe que, no dia seguinte, no horário do jantar do abrigo, poderia pegar o chinelo novo, ao que me disse: Você não vai esquecer?

Seriam necessários muitos pontos para descrever o silêncio de minha alma, pois naquele início da terceira noite no ano, eu me deparava com minhas próprias dores, mas em outro alguém, mirava nos olhos do Sr. Amarildo, mas me via no reflexo, uma mulher com 30 anos de idade, bem-sucedida, solitária e refém de seu próprio medo de assim permanecer para sempre ou de perder as esperanças no meio do caminho e me tonar um Sr. Amarildo, que sem esperanças, entregou-se à própria sorte. Senti pena, minha vontade era abraçá-lo e ouvir suas muitas histórias, mas não pude.

Limitei-me em colocar as mãos sobre seus ombros, acariciar-lhe de modo rápido e dizer-lhe sorrindo: não, eu não vou me esquecer.

Aquele buraco no chinelo do Sr. Amarildo me fez esquecer de todos os meus problemas e enxergar que tenho muito mais do que mereço e muito mais do que preciso, o que muito me incomoda, pois que estou eu fazendo para mudar a realidade dos tantos Amarildos que agora estão à mercê da sorte, da chuva, do vento, do calor extremo, da ausência de artigos básicos, ao relento, sem um teto para cobrir-lhe a cabeça e a face, sem uma cama quente ou apenas um local seguro e tranquilo para repousar?

Deparar-me com minhas próprias dores em outra pessoa doeu-me, sofri por ele e por mim, por nós. Ele com 60 anos e eu com 30, ambos sós, tristes.

Espero conseguir ajudar-lhe, Sr. Amarildo, não com coisas materiais, pois estas só satisfazem as almas vazias e por pouco tempo, mas com meu coração, que agora também é seu, nele você morará a partir de hoje, nele não há chuva tempestuosa ou temperaturas altas, suas relvas são melhores que os colchões mais caros deste mundo e a alimentação é abundante, fique à vontade, esta é sua nova casa.